

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcelles, 31 de Março de 1901

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcelles) 480. (Provincias) 600

COISAS VELHAS

Chroniqueta

Felicito «A Lagrima» pela bõa aquisição de um apreciavel collaboradôr—W—que, em o seu primeiro escripto—«Velharias».—me confunde com tão gentis amabilidades; é, por força, meu amigo; e se eu fosse susceptível de envaidecer-me, podia ser accommottido de vaidade, com expressões tão lisongeiras.

Agradeço-lhe tudo; e, sobre tudo, o favor de ser o Cyrineu da minha memoria para me recordar de—coisas velhas.

Como o meu amigo e collega me falla de passaros, ahi vae um facto, que não deixa de sêr curioso e engraçado; tem mais de 50 annos.

Habitou, por largos annos, o palacete da Granja um filho segundo da familia Bessa e Menezes, de nome José de Bessa e Menezes, tio paterno de meu respeitavel amigo, e actual senhor d'aquella quinta, exm.º sr. José de Bessa e Menezes.

Para se entreter em os ocios de uma vida de fidalgo fez-se passarinho, e era-o como eu ainda não conheci outro.

A casa da Granja era habitada de um extremo ao outro por moradores alados.

Canarios de todas as raças, puros e mestiços; pintasilgos, pintaroxos, verdilhões—melros—tutinogras—cucos—rouxinóis—tudo, enfim, educado e selvagem, se encontrava ali a escolher, a vêr e a admirar.

Tinha viveiros escolhidos para apuramento das raças, e tinha um quarto grande aonde soltava, e conservava, duzias de passaros a granel e de todas as classes, com que se entretinha, e que lhe mereciam menos estima: o que havia de melhor estava tudo distribuido por dezenas de gaiollas.

Um bello dia, quando se entretinha a pilhar passaros na quinta, viu passar-lhe pelo ar um passaro grande, que lhe encheu o olho.

Ditô e feito; José de Bessa preparava a armadilha, e de tal arte, e com tanta pericia, que o novo exemplar lhe cahiu na mão.

Todô cheio de gosto pelo seu novo triumpho em colher todo o genero de passarada, veio José de Bessa recolher o seu novo exemplar, unico, que até entãõ havia pillhado, no cazão aonde

tinha dezenas de passaros de todas as raças.

Ao entrar na gaiolla enorme o novo hospede toda a republica extremeceu, e se levantou em vôos de inquietação e de espanto, o que, nem por de leve, fez suspeitar o distincto amador.

O hospede, privado da sua liberdade, e removido ao captivo, empoleirou-se triste aonde se julgou mais a seguro das mãos do passarinho; e, em todo o dia não quiz comer; tal era a sua magua, que lhe ia, pela sua nova situação de prisioneiro.

Em o dia seguinte José de Bessa principiou a fazer a limpeza e dar o penso á passarinhada, começando, como de costume, pelas gaiollas pequenas e pelo que tinha de melhor; chegando ao cazão em que tinha a passarada a granel e em alta quantidade, notou que não havia alli um unico passaro! Revistou a prisão, suppondo, que se lhe haviam evadido os prisioneiros; viu, e reviu; e grande foi a sua surpresa, quando deparou com o pavimento do quarto, viveiro, esteirado de pennas de todas as cores e de todas as qualidades; detraz da porta estava o *pinhão*,—que havia mettido ali de vespera com o papo a arrebentar de farto, e para onde tinha passado toda a passarada ali existente, era um francelho—!

Quando por ali apparecesse um sujeito, que comesse muito, ou um *ponto*, em qualquer *batola* que levasse a banca á gloria, dizia-se, por muito tempo:—este é, como o passaro de José de Bessa.

Isto não é anodocta, é um facto consumadô.

Archeologo

No proximo n.º

Premettemos illustrar hoje este quinzenario com a photozincogravura da villa de Barcelles ha quinhentos annos!

Em virtude, porém, de não nos poder ser fornecido o artigo que tinha de acompanhar a illustração, com a brevidade exigida n'estes casos, não inserimos hoje, do que pedimos, pesardos, desculpa aos nossos assignantes.

Sairá á publicidade no proximo n.º, isto é, d'aquí a 15 dias.

LAGRIMA

Jesuitas

Tendo nós a gabadinha—aliás justa—de informar com fidedignidade os nossos leitores de tudo quanto possa aguçar a sua curiosidade, despimo-nos dos nossos cuidados e fomos manque, manque, a Barcellinhos, procurar o sr. Barcellos, que é muito zeloso empregado do notario nosso amigo o sr. Antonio Justiniano afim de o interrogarmos sobre a questão religiosa.

O sr. Barcellos, que é tolo amavel, mandou-nos sentar no chão e ouviu-nos attentiosamente.

—Vimos aqui por causa da questão...

—Questão? Fugam de questões; vale mais a peor das composições, que a melhor das demandas.

—...Perdão, deixe-nos vender o nosso peixe. Queremos saber o que pensa a respeito da questão religiosa.

—Eu! Eu não penso, só sinto e «o sentir é mais poderoso que o pensar.»

—Nós sabemos porque V. não pensa, é porque tem mêlo de morrer como o outro...

—Já sei; já sei:—leixemo'-nos de ambiguidades. Querem que eu seja franco...

Nem Franco nem Hintze...

—Mau... Desejam saber a minha opinião a respeito de frades, freira, jesuitas, irmãs de caridade, liberaes, anti-liberaes: eu des le jí lhes digo que não sou por uns nem por outros, antes pelo contrario.

—Ora abi está o sr. Barcellos a fugir pela tangente. Fuma?

—Muito obrigado. Só tomo.

—Toma p'ra tabaco... Porém o tempo urge e queremos ouvir-o...

—Ouvirem-me? Como?

—Assentados. Diga...

—Srs. Redactores da «Lagrimeira», fiquem sabendo que aon le digo, digo, digo que não digo, digo.

—Seja-nos sincero. Gosta de ordens sem ordem, freiras sem freio?

—Não tenho o gosto apurado. Vejam nos apuros em que estou.

—Lembre-se, sr., que está a fallar a milhares de assignantes da nossa folha, que no proximo domingo, 31, o vão apreciar. As damas mais gentis, ainda na cama, quando o entregador lhes annunciar esta folha hão de a pedir em altos gritos, como succede ás creanças com o oleo de figalos de bacalhau...

—Cheguem cá o ouvido. Eu sou pela paz e concórdia entre principes e christãos.

—Desta forma: paz na terra aos homens; gloria ao Senhor, nas alturas. Porém, Sr. Barcellos, manifeste se.

—Srs. jornalistas. Vocês fallam-me em nome de milhares de individuos, mas se alguns me terão de merecer todo o respeito, outros não

valerão um caracol. Agora é que percebo que este escriptorio é uma especie de palco e ali está diante de mim os seus assignantes. Nada, vou recolher a bastidores.

—...Lembre-se, no entanto, que está o panno em cima.

—Pois façam de conta que um espectador deu o grito de fogo! Interrompe-se o espectáculo.

E retiramos sem colher em Barcellinhos, nada do Barcellos.



A titulo de curiosidade apresentamos hoje a gravura do vapor que, pelo rio Cavaço, transportou para fóra de Barcellos os jesuitas expulsos pelo Marquez de Pombal.

Era commandante d'esto barco monstro um capitão de nome Francisco Benjamin Lapuz.

Album da «Lagrimeira»

Arre! Pois não é assim? Para que as sopeiras não hão de dizer, com as palavras proprias de sua sinceridade, aquillo que lhes vai no intimo, em vez de irem copiar cartas de namoro, como aquella que em seguida segue?

Depois, nem copiam bem; a miss'va que publicamos é um acerbo de disparates.

D'esta forma hemos por bem ordenar que todos os namoros se correspondam por signaes.

Um lenço na mão, significa «amor eterno»; chapeu na mão, «infidelidade»; deixar cair uma flor, «talvez te escreva»; cofiar o bigode, «talvez te peça o retrato.»

Ora, assim, não ficam os namorados sujeitos a que se estravie a correspondencia, como succedeu ao auctor das asneiras que vão lêr:

Oh coração meu coração magoado rompe esse carcere das tuas penas bem aspirar o perfume do prado anda banhar-te sob o sol já nado n'estes efluvios d'ozes das verbenas.

Tu an las presa nam olhar dilecto tear luzente on le se tece a morte que ha de levar-te

LAGRIMA

num esquite preto banhado em pranto num chorar secreto sob o nevaldo céu da tua sorte.

Meu coração canta e sente os amôres nas doidas convulsões das agonias anda trocá-las por milhõ:s de flores que valem de um olhar os esplendores. E a cobrirem tola a magoa de alegria.

Adoras as mulheres e não olhas quanto fataes te sam essas loucuras que vale o sorrir que nuns labios colhas se em seguida tremulo o defolhas nas mais atrozes futeis amarguras.

Diz-nos o nosso querido barbeiro Carvalho, a quem confiamos submissos e respeitosos os nossos amaveis queixos, que um dia déra ingresso no seu estabelecimento um homem dos seus sessenta e tantos annos.

Este abeira-se de si e d z:

—«O' mestre, deite me abaixo esta barba, que já me aborrece.»

Feita a operação o sennatario interrogou:

—¿Então que diz você cá á pessoa?

¿Ainda pareço velho?

—«Não senhor, respondeu o Carvalho, agora o sr. parece uma velha...»

O padre Fiuzza

No hotel Augusto Vieira houve hontem um almoço offerecido a alguns amigos, pelo rev.^m capellão do zo, padre Fiuzza, ao qual tivemos o prazer d'assistir.

Muito obriga lo á sua gentileza.

*

Os pratos, confeccionados pela esposa do proprietario, eram uma *belleza*, a que ninguem resistia, pelo que todos caíram sobre elles como *falões*, como *monteiros*—com muitas leguas de caça—fazend) terriveis estragos gastronomicos, no meio de uma alegria *chá*.

O vinho era delicioso. Não se bebeu melhor nos festins de *Balthazar*.

Nós fizemos-lhe o nosso pé de *alferes*.

Quando a gente se encontra em festas em que bem ha uma tonalidade *augusta*, quasi divina pelo purissimo phalerimo, areja-se o espirito, tonifica-sel

Quanto isto *vale!*

O Luciano Exposto, engraxador, tem razão em se queixar da concorrência que lhe fazem competidores.

Elle tem direitos adquiridos, pois é o decano dos lustradores n'esta villa e sobretudo, vem enfermando, ultimamente, d'un padecimento, que o impossibilita de exercer outra profissão.

Pedimos, porisso, as preferencias para elle, como doente e com iniciador da *arte de engraxar*, em Barcellos.

O Torquato dos Santos, nosso antigo collaborador artistico, diz *enigmáticamente* a respeito do appellido do Miscambilha:

—«Na muzica *Mis*, no reino animal *cão*, na louça: *vilha*».

Tres cousas distinctas e um Miscambilha verdadeiro.

O parochio de Martin diz, e muito bem, que errar é proprio do homem.

Errou...

E d'isso se penitenciou elle já aos amigos, em confidencia, n'esta propria quadra quaresmal.

Foi o caso que, dando pela falta de um objecto, foi assim que se expressou na missa conventual, afim de o rehavêr.

Era ao *Lavabo*:

—«Meus carissimos irmãos, perdi uma peia minha, que me faz falta, presentemente.»

O ecclesiastico reconsiderou que as palavras lhe tinham a razão do a ideia e deu as mãos á palmatoria, não foi vaidoso como muitos, sustentando a tolice:

No fim do santo sacrificio da missa assim fallou:

—«Queridos parochianos, a peia *era da minha burra*; quem a encontrou queira entregar-m'a na residencia.»

Um punhado de mentiras

O Eduardo Carmona, a quem um dia apresentaram varias qualidades de vinhos finos para prova, disse:

—«Este que ora bebo é meu conhecido.»

—«Não é possível!

—«Mas é... Ainda ha pouco o provei na saladal!»

*

Um amigo das nossas relações de amizade—cujo nome não citamos, visto estar de luto,—respondeu assim ao confessô: que o reprehendera:

—«Meu padre, o bom vinho faz bom sangue, o bom sangue produz bom humôr, o bom humôr faz nascer bons pensamentos, os bons pensamentos produzem boas obras e as boas obras levam a gente ao céu...»

*

Foi casar-se um velho gebo,
que, por gago, não podia
dizer bem o tal recebo;
e por isso só dizia:

—Arre... cebo. . . arre... cebo

Secundino Monteiro.

*

O medico, se cura, não mata, e um copo d'agua mata secura.

*
Estando o Joaquim Valle n'uma meza a que se sentavam 13 pessoas e votando-se que fosse convidada outra, para evitar aquelle numero fatidico, disse:

—«Não é preciso que venha ninguem, mais, para aqui: eu cômoo por dois.»

*
O jornalista Theotónio, d'Arcuzello, contava no domingo de Passos, á noite:

—«Dizem que um copo de vinho, Sendo bom, dá força á gente: Isto é peta, certamente, Tal não posso acreditar, Eu já hoje bebi treze, ¿E vês tu?—não posso andar.»

*
A Maria da Graça—zeladora da Imagem das Dôres-na Collegiada, veio afirmar-nos que viu uma vez certa velha pedir a Santa Anna, que lhe desse pão e vinho.

Um sachristão, que isto presencéara, mettera-se por traz da tribuna e com voz de creança respondêra á *matrona* que bebesse agua.

Esta julgando que era a menina que se vê junto da Santa, que fallára, levantou de voz:

—«Calle-se ahí sua moncosa. E' á sua mãe que eu me dirijo e não a você. Ella sabe, bem melhor, o que convém ás mulheres da minha idade.»

*
O Souza, muzico, machinista e alfaiate, contava-nos n'outro dia a seguinte laracha:

—«Accordei uma d'estas manhãs meio despido, com os pés em cima do travesseiro. Passei toda a noite imaginando que tinha dôr de dentes e a final eram as botas que me apertavam os pés!»

Notas da quinzena

Estamos hoje na perfeição de fallar *só por musica* aos nossos queridos leitores.

Realmente a uma povoação que tem estado ultimamente, na sua maioria, subordinada á batuta, não nos podemos expressar fóra do diapásão...

Uma vez saídos de tal assumpto, melhor andaríamos mettendo a viola no sacco.

*
A tão perfeito apuro chegou a paixoneta dos partilarios das duas bandas, ahí,—que não têm mãos a melir no sacrificio de toda a ordem.

Se um musico anda mal calça-lo, os dedos a espreitar para fóra do cabedal rôto, um *afficionado* compra-lhe logo um par de butes; dá certo grupo da Barcellense' uma farda ao director d'esta corporação musical, outro da dos Voluntarios imita-o no proceder...

Pazem-se subscrições para tudo e para to-

dos:—afim de mandar vir uma tarola, afim de mandar vir uma flauta.

Ha dias diz-se que chegou de Famalicão o Zé da Costa Cavaquinho para raptar um sujeito que é clarinete.

Poz-se a policia *partilaria* em campo, mettendo o nariz em toda a parte. Um individuo foi áquella villa, porém tendo i lo de balde partiram outros de carro e vieram para cá de carrinho... O patusco não appareceu!

Por tal motivo, havia oinares mysteriosos, problematicos, somnambulos e até olhos de couve cosilhos com batatas em grandes tainas em que se discutia o caso.

Constando á ultima hora que o homem estava albergado na taberna da travessa da rua Direita—que é torta—, até o tasqueiro viraram de pernas para o ar, a vêr se lhe cahia dos bolsos o musico almejado.

O caso ganhava vulto porque o bruto não apparecia.

Já não havia compasso melillo, todos andavam descompassados, a galópe.

O Trinta Réis tinha sólos de chuchadeira incomparavel, a tal respeito; o Cara Alto não se sustinha fóra dos sustentidos:—era musica acima e abaixo.

Havia apojeturas de desespero!

Chegou-se á cóla!...

O patusco surgiu!

Na bocca dos partilarios houve hymnos festivos.

*
Nos Bombeiros a cousa tambem esteve séria devido ao bombo.

Por causa d'isso o bombo da festa foi o Russo, que se pôz vermelho ao encarregarem n'lo de arranjar quem o tocasse por musica.

Final descobriu-se que o Ricócas tinha soberba embocadura para aquelle instrumento.

*
Ora d'esta fórmula uma terra que assim vive, é a mais feliz do mundo todo.

Delicia-se com a polka e com a valsa.

Toca!

Chama á «Traviata», Bitraca; Torrador ao «Trovador»; a opera é um opa; opereta é uma peça passala entre... as preias!...

*
Não é preciso nem o Código de Imposturas, nem o Código Civil.

O povo local não necessita de leis.

Com uma partitura na sinistra e com a batuta na dextra, faz o sr. José Marcellino o que não será capaz de fazer nenhuma auctoridade.

As «Pombinhas da Cathrina» ou o «Rei Chegou», manlam o nosso habitante no mais suggestivo de todo os seres humanos.

A «Aida» é, por exemplo, um triumpho, o «Mephistopheles», uma victoria.